

OS SERÕES DAS SENHORAS

Um suplemento de moda, bordados e saberes domésticos 1905-1908¹

Maria José Moutinho Santos FLUP/DHEPI



Introdução:

História das Mulheres, fontes de investigação e patrimónios familiares

O texto aqui apresentado insere-se num projecto iniciado em 2005 no âmbito da disciplina de História das Mulheres, incluída no currículo do 1º ciclo de estudos do curso de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O projecto, de cunho simultaneamente científico e pedagógico, dirigido preferencialmente aos alunos de História das Mulheres e do Género contempla uma vertente interdisciplinar. Os seus objectivos prendem-se com a constatação das consequências da subvalorização das esferas da vida social associadas ao feminino, que Michelle Perrot muito apropriadamente designou por “les silences de l’histoire”. Estes traduzem-se, como é sabido, por uma notória escassez de fontes de arquivo sobre a existência concreta das mulheres, sobretudo das mulheres comuns. Assim sendo, e porque “a história das mulheres não se identifica epistemologicamente com a história dos homens”², procura-se iniciar os alunos na análise e exploração de outras fontes usadas na escrita da História das Mulheres e que têm muito a ver com o(s) seu(s) quotidiano(s) – tais como diários, cartas, agendas domésticas, caderninhos de notas, fotografias, trabalhos de agulha, vestuário, revistas femininas, etc.

Aproveitando todo este contexto tem-se levado a cabo, paralelamente, uma acção de sensibilização sobre a importância da preservação destas “pequenas coisas” que habitualmente integram todos os patrimónios familiares. Contudo, porque não são materialmente relevantes ou úteis quanto à sua funcionalidade, não escapam, na maior parte dos casos, à destruição no momento de uma partilha ou no desfazer de uma casa de família. Procura-se, por isso, que

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no Colóquio *D.Carlos no seu tempo. Artes, Ciências e Letras* realizado em Out/Nov de 2007 pelo Círculo Dr. José de Figueiredo e o Instituto de Estudos Ibéricos da Faculdade de Letras da UPorto.

² CASTRO, Zília Osório de; ESTEVES, João 2008 - *Falar de Mulheres- História e Historiografia*. Lisboa: Livros Horizonte, p.9.

através destas acções os alunos se tornem nos melhores agentes dessa preservação.

Desta forma, e desde 2005, para além da colaboração interdisciplinar com Teoria e Tipologia das Fontes Históricas, foi realizada uma exposição na FLUP, em Novembro desse ano, com o apoio da Biblioteca Central sob o tema *As Pequenas Coisas – Recordações de Mulheres – 1910/1950*. Esta exposição, com um acervo bastante mais alargado, viria a ser apresentada em Outubro e Novembro de 2006 na Biblioteca Pública Municipal do Porto, com o apoio do Instituto de História Contemporânea da FLUP e da CMP. Paralelamente a esta iniciativa realizou-se na BPMP um colóquio interdisciplinar onde se puseram em relevo as vertentes privilegiadas do projecto: História das Mulheres, Fontes de Investigação e Patrimónios Familiares, atingindo-se nestas realizações um público muito mais vasto, direccionando para a comunidade exterior à Universidade as iniciativas académicas.

No estudo aqui apresentado procura-se demonstrar como um velho suplemento de modas pode constituir, com toda a legitimidade, um credível elemento de pesquisa.

Serões das Senhoras – o contexto

Os *Serões das Senhoras* constituíram o suplemento feminino de *Serões*, revista mensal ilustrada, publicada mensalmente em Lisboa, durante dez anos, de 1901 a 1911, em duas séries: a primeira de 1901 a 1904 com vinte e quatro números, de que saíram quatro volumes; a segunda de 1905 a 1911 com 78 números em treze volumes. Foi na 2ª série que surgiu, em Julho de 1905, o primeiro número do seu suplemento de modas, publicado, depois, ininterruptamente até Dezembro de 1908.

Serões, propriedade da Livraria Ferreira, foi uma revista que se caracterizou pela qualidade. Eclética, apresentava artigos de literatura, história, ciência, arte, música, conhecimentos úteis, crónica mundana, etc., servidos por textos profusamente ilustrados com gravuras e fotografia, óptimo papel e impressão e um grafismo moderno. Por tudo isto, a empresa editora considerava a revista “o mais belo magazine português” que viria a contar entre os seus numerosos colaboradores com alguns dos mais conhecidos nomes da cultura do tempo: Rocha Peixoto, Carlos Malheiro Dias, Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, Silva Gaio, Júlio Dantas, Tinop, Ana de Castro Osório, Adolfo Coelho, Gonçalves Crespo, Bulhão Pato, Ramalho Ortigão, Aquilino, Wenceslau de Moraes, etc, não desdenhando abrir também as suas páginas aos novos valores da literatura³.

Na apresentação aos leitores, no primeiro número, teciam-se os seus objectivos que, não deixando de ser ambiciosos se inseriam nas preocupações comuns a uma grande parte das elites portuguesas do tempo: “tornar-se um agente eficaz e sincero do desenvolvimento nacional, promover o amor pela nossa terra e pela nossa arte e ensinar a apreciar o muito que temos de bom e interessante”. Na realidade todos estes objectivos foram sendo perseguidos ao longo dos anos, reforçando-se inclusive a qualidade da revista com a entrada de António Sérgio para a direcção em 1911⁴.

³ Veja-se no livro de Daniel PIRES, *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do século XX*, a referência a todos os colaboradores da revista ao longo da sua existência, p.333-335.

⁴ *Ibidem*, p.334.

Os *Serões*, que se distribuíam avulso e por assinatura, tiveram ao longo dos seus dez anos de existência “importante tiragem e larga publicação”, vendendo-se em Portugal continental, ilhas, colónias e Brasil, além da Espanha e outros países estrangeiros^{5/6}. A dinâmica da revista, também na procura de novos leitores, traduziu-se em diversas iniciativas, como o lançamento de concursos fotográficos, a oferta de bónus mensais de descontos nas compras na livraria Ferreira ou mesmo o sorteio de uma viagem a Paris entre os seus assinantes.

Foi assim, neste contexto, que viria a surgir este suplemento-revista, seguindo a linha de uma certa imprensa feminina que desde a década de oitenta do século XIX vinha tendo um enorme sucesso em França. Tratava-se de publicações destinadas às mulheres das classes médias, fundamentalmente dedicadas à moda mas apresentando outras rubricas, tais como conselhos práticos de costura, decoração, saúde, higiene, beleza, educação, economia doméstica. Podiam também incluir uma crónica da vida mundana, um “correio das leitoras”, umas páginas de literatura e uma secção recreativa. A introdução, em muitos casos, de uma “folha de moldes” foi um contributo indiscutível para o sucesso.

Os conteúdos reflectiam o ideal burguês de mulher – dona de casa, esposa e mãe -, e os conceitos de vida familiar caros à burguesia. Circunscrita ao espaço do lar, era suposto que a mulher dedicasse o seu tempo e os seus esforços à educação dos filhos, aos cuidados com o marido, à orientação das criadas, à gestão do orçamento doméstico, tratando da casa com todo o desvelo, criando nela uma atmosfera de harmonia, bem-estar, segurança e conforto. Mas o seu papel não terminava aqui. A burguesia tinha feito da casa um espaço de sociabilidade, que era marcado naturalmente pelo estatuto social da família. “Receber” tornar-se-ia também uma função das esposas. Mas fora do recesso doméstico havia outras missões a cumprir: ir ao teatro, às recepções, aos bailes, às actividades do *sport* fazia parte do seu desempenho, da sua missão representativa.

Para a ajudar nessas empresas ali estavam as revistas que se ocupavam de a guiar para as escolhas adequadas: da moda à etiqueta, da decoração às opções de vida. Neste domínio, iria ter um lugar privilegiado o “Consultório das leitoras”. Nele respondia-se a todo o tipo de questões práticas mas também, em muitos casos, a problemas sentimentais ou familiares. O diálogo que se estabelecia através das revistas, personalizando as dúvidas e os conselhos, iria assumir uma importância indiscutível suplantando em eficácia junto das leitoras os conteúdos dos manuais (de civilidade, de etiqueta e boas maneiras, de economia doméstica, etc) que se podiam encontrar à venda no mercado livreiro.

Os *Serões das Senhoras* - análise de conteúdos

⁵ A assinatura para Portugal, ilhas e colónias era de 2\$200 reis anuais, o que atendendo à qualidade conseguida a tornava competitiva.

⁶ Os *Serões* incluíam uma secção especial de anúncios que antecedia cada número da publicação e que ajudava a tornar economicamente viável a revista. Em contrapartida Os *Serões das Senhoras* não incluíam publicidade.

É facto reconhecido que as revistas portuguesas de moda, tal como a sua grande referência nacional a *Modas e Bordados*, que iniciou a publicação em 1912 como suplemento do jornal *O Século*, seguiam muito de perto as suas congéneres francesas^{7/8/9}. Por detrás desse mimetismo jornalístico estava, naturalmente, a autoridade incontestada de Paris onde tinha nascido a alta-costura, as manequins, os desfiles de moda. Na verdade, em 1900 eram já dez os ateliers ali estabelecidos com renome internacional¹⁰.

Os Serões das Senhoras acompanharam o formato da revista “mãe”, em 8ª, utilizando o mesmo papel de qualidade e o mesmo grafismo moderno e apresentando-se com 16 páginas profusamente ilustradas com fotos, e não apenas com as habituais gravuras, sendo belíssima a sua folha de moldes. Resulta disto que o suplemento é ainda hoje um prazer para os olhos, um objecto de colecção, tal como outras revistas congéneres Na época isso deveria constituir uma importante mais valia.

O primeiro número de *Os Serões das Senhoras* apontava, desde logo, para um registo de requinte e distinção. Apresentava tudo o que era *fashionable* durante a estação no domínio do vestuário e adereços e também na hora de receber visitas. A língua francesa fazia o pleno como era habitual nas publicações deste tipo, num certo gosto de classe que fazia parte do *chic*. Anunciava as cores em voga, os tecidos sumptuosos e mostrava os acessórios imprescindíveis da estação - as jóias, as rendas, os leques, as sombrinhas, as luvas altas. Os chapéus, que nesses anos assumiram um grande protagonismo no conjunto da toilette, mereceram uma página com cinco fotos mostrando os últimos modelos de Paris. Os trabalhos de mãos eram dedicados à pintura de vestidos, também muito em voga, à piro-gravura e à aguarela e eram ilustrados com fotografias e desenhos.

Quatro páginas, com texto e ilustrações, demonstravam como se podia entreter as visitas num *five o'clock*, sugerindo-se a decoração de uma mesa para uma recepção. Apresentava dois menus de Verão com entradas, três pratos de carne e peixe, saladas, e sobremesas, tudo com as designações em francês.

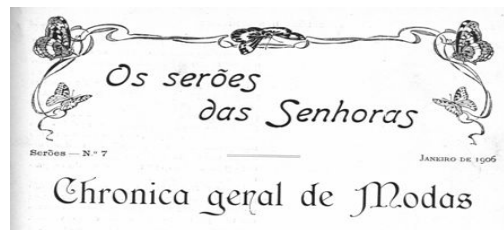
Contudo, o segundo número iria aproximar-se mais do modelo que permaneceu até ao final, tanto no conjunto das rubricas como na dimensão dos seus conteúdos, permitindo alargar o leque das leitoras a quem o suplemento poderia agradar. Mas a razão primeira do suplemento continuava a mesma: a moda. Isto porque “Ser bela sempre e em toda a parte, eis a grande preocupação da mulher e cada uma trata de arranjar *exquises toilettes*, as quais tornam as bonitas ainda mais encantadoras e realçam encantos de outras menos protegidas pela beleza”.

⁷Essa proximidade é assumida, por exemplo, em *A Moda Ilustrada* quando se afirma numa carta a uma leitora: “Pode V.Exª copiar com toda a confiança os modelos do nosso semanário porque são reproduzidos de outros confeccionados em Paris e seguem fielmente e com rapidez a evolução da moda.” (nº584)

⁸Já anteriormente outras revistas portuguesas haviam seguido essa tendência, tal como *A Moda Ilustrada* que teve um enorme êxito, e por isso uma admirável longevidade (1879-1910), ou a *Moda Hoje* (1897-1899) editada no Porto.

⁹ Cf. ALVIM, Maria Helena Vilas-Boas e, 2005 – *Do Tempo e da Moda*, Livros Horizonte.

¹⁰ Valter Cardim refere a importância do casamento de D. Carlos e D. Amélia de Orleans, em 1886, como um factor na divulgação e profusão da moda francesa em Portugal, in “A moda em Portugal no limiar do séc XX”, *Faces de Eva. Estudos sobre a mulher*, 1-2.



Os *Serões das Senhoras* integraram as rubricas *Crónica Geral das Modas*, *Os Nossos Figurinos*, *Notas da Dona de Casa*, *Lavores Femininos*, o *Consultório* e *A Nossa Folha de Moldes*. Em alguns números incluíram também a coluna *Pelos Altos* dedicada a notícias da realeza europeia e de personalidades da sociedade bem como as reportagens sobre eventos de actualidade.

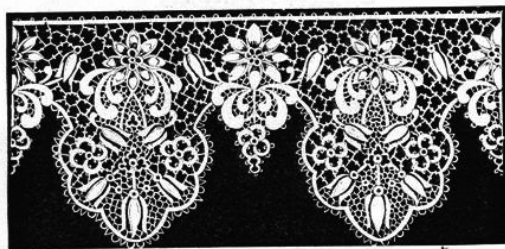
Tanto na *Crónica* como nos *Figurinos* os modelos que foram sendo apresentados, número a número, seguiram sempre de perto tudo o que era feito em Paris. Dos vestidos de grande toilette, aos trajes de viagem, passeio e *sport*, das toilettes “de interior” à lingerie, passando naturalmente pelos acessórios, tudo eram peças de uma enorme beleza, em muitos casos verdadeiros objectos de luxo, só acessíveis a um reduzidíssimo grupo de mulheres em Portugal. Nesta linha, publicaram-se vestidos e complementos de alta-costura da Maison Drécoll, da casa De Beers, de Paquin, Lafferrière, etc..



A opção pela reprodução desses modelos divergiu, por exemplo, daqueles que haviam sido apresentados noutras publicações (como a *Moda Ilustrada* ou *A Moda Hoje*), muito mais próximos das toilettes do quotidiano que usariam as leitoras destas revistas. Contudo, a presença do requinte e *glamour* era seguramente uma opção editorial para marcar diferenças. Em contraponto, em *A Nossa Folha de Moldes* incluíam-se modelos mais acessíveis, que vinham acompanhados por textos explicativos sobre os materiais, cores, metragens, etc., e que podiam, por isso, ser confeccionados por qualquer modista, pelas costureiras que muitas senhoras tinham em suas casas, aos dias, ou por uma mulher com as devidas prendas de mãos¹¹.

¹¹ No fascículo de Novembro de 1906 pode ler-se na apresentação de um novo modelo de bolero: “Qualquer das nossas leitoras o poderá executar sem ajuda da modista, porque além de ser muito simples de fazer as destrairá”

LAVORES FEMININOS



A rubrica *Lavores Femininos* constituía-se como uma admirável montra dos saberes da agulha que, na época, faziam parte integrante da educação das raparigas. Sugestões de trabalhos que exigiam frequentemente uma grande mestria em renda, bordado, *crochet*, costura, mas também de pintura, desenho, etc., permitiam responder aos interesses, mesmo os mais exigentes, das leitoras, incluindo as mais jovens a quem foram dedicados alguns moldes para confeccionar o enxoval das bonecas (a introdução formal aos labores fazia-se, afinal, desde a instrução primária!).



Notas de dona de casa era uma coluna que procurava atender às mais variadas necessidades das mulheres das classes médias, sendo perceptível que se atendia às diferenças possíveis dos seus orçamentos domésticos. Daí haver conselhos úteis para quem vivia com largueza, mas também para quem o devia fazer com mais modéstia. Soluções para retirar caruncho dos móveis, ou traças das roupas, limpar os artigos de prata, retirar nódoas de tecidos ou conservar flores surgiam ao lado de menus elaborados e dispendiosos que podiam, contudo, partilhar a página com os pratos mais simples (e mais económicos) da cozinha portuguesa. Ali também se chamava a atenção para o cuidado na confecção dos alimentos e para a necessidade do equilíbrio alimentar, nomeadamente das refeições que eram destinadas às crianças. Para elas surgiram frequentemente modelos de fatos adequados às diversas idades, ideias para brinquedos e passatempos, etc. Porém, a *Notas* era de facto um nunca acabar de sugestões que ultrapassaram em muito os temas já referidos, enveredando por vezes por apontamentos de decoração, receitas para os mais diversos achaques ou conselhos de economia doméstica. Este tipo de rubrica tinha grande aceitação, encontrando-se também, por exemplo, na contemporânea *Moda Ilustrada*, sendo que alguns dos assuntos foram explanados com profundidade por Virgínia de Castro e Almeida no livro *Como hei-de governar a minha casa*.



Contudo, a rubrica que terá suscitado mais o interesse das leitoras foi o *Consultório de Luiza*. A análise dos seus conteúdos permite seguir diversas rotas. Desde logo, a relação que imediatamente estabelecemos com outras rubricas similares que surgiram em revistas publicadas posteriormente: veja-se a *Modas e Bordados*. Registe-se a importância desses “consultórios” para um vasto universo de mulheres para quem eram, efectivamente, um espaço (por vezes mesmo o único) de ajuda, apoio, esclarecimento. Achei plausível a hipótese de *Os Serões das Senhoras* terem introduzido através do “Consultório de Luiza” uma dimensão muito mais importante dos temas sentimentais, ultrapassando o que se vira em revistas anteriores, onde, essencialmente, se tratavam questões de moda, de decoração e de etiqueta¹².

“Luiza”, que havia sido colaboradora do *Jornal da Noite*, de Lisboa, onde mantivera um “consultório” e granjeara créditos e muitas simpatias, iria dar um cunho pessoalíssimo à coluna, acabando por marcar fortemente as perspectivas apresentadas no suplemento sobre o papel e a condição das mulheres¹³. Prometia, no número de apresentação, responder a todas as perguntas que lhe fossem dirigidas sobre questões de *toilette*, de escolha de livros, de remédios para a conservação da beleza, de perfumes modernos, etc. Em Novembro esclarecia que os conselhos eram gratuitos e dedicados especialmente aos leitores dos *Serões*, fossem ou não assinantes. A resposta seria enviada pelo correio sempre que “pelas suas dimensões ou melindre” ela não pudesse ser publicada. Esta circunstância deixou seguramente na sombra muita da correspondência recebida mas, mesmo assim, é notória a presença de cartas provenientes do Brasil, da África, da Índia, de Macau, para além do correio proveniente de todas as cidades do continente. Durante os anos em que foi responsável pela coluna cresceu o número das suas admiradoras, para quem ela aparecia como uma confidente sem rosto (recusa sempre encontrar-se com qualquer leitora quando a isso era solicitada) que sempre se lhe dirigiam em termos muito afectuosos.

Ao longo dos meses, as consultas foram cobrindo os temas propostos, salientando-se desde logo as questões de beleza. Pelos pedidos mais frequentemente colocados: como colorir uns cabelos brancos, disfarçar um cabelo rarefeito, fazer desaparecer um buço, ou obter uma tez mais clara, retirar manchas do rosto, disfarçar rugas, pode depreender-se qual a faixa etária de onde se recrutariam mais leitoras. “Luiza” esclarecia, indicava produtos, enviava endereços, dava receitas. A higiene do corpo, da alimentação e do sono também não lhe eram indiferentes. Sugeria banhos diários, dietas “saudáveis”, passeios, descanso adequado, reflectindo perspectivas muito em voga entre os higienistas. Nos domínios da *toilette* ela era especialmente peremptória sobre o que se usava e o que se *deveria* usar.

¹² Com a designação de “Correspondência” a *Moda Ilustrada* dispôs de um correio das leitoras mas dedicado apenas a estas questões.

¹³ Durante o ano de 1908, no nº 37, “Luísa” abandona a coluna sendo substituída por “Maria”, que tinha seguramente mais idade e muito menos carisma.

Percebe-se pelas suas respostas que muitas das suas leitoras não tinham qualquer noção sobre o “saber vestir-se”, sobretudo em situações de cerimónia. Aliás, as questões de etiqueta tornar-se-iam assunto de quase todos os números: o que usar em tal ou tal circunstância, como fazer visitas, como enviar as participações de casamento, como se dirigir socialmente a determinadas pessoas, que presentes eram os mais adequados, etc. Todas estas questões traduziam indiscutíveis preocupações de mulheres em ascensão social e/ou económica que, no contexto dos novos tempos, desejavam assumir em sociedade o seu novo estatuto. Na mesma situação estavam as senhoras da província que pretendiam conviver, sair, receber, sem que para isso tivessem sido preparadas convenientemente. Aliás, já no termo da publicação, em Novembro de 1908, “Maria”, que havia substituído “Luiza”, escrevia: “A maioria das minhas consulentes pede-me com instância e interesse que faça recair de preferência as minhas conversas sobre usos sociais, regras e preceitos de etiqueta e cortesia”. A publicação em 1907 de uma nova edição do *Compêndio de Civilidade* de Francisco José Monteiro Leite, ou no ano seguinte da 8ª edição do *Manual de Civilidade e Etiqueta* de Beatriz de Nazareth parecia não ser suficiente para as necessidades das leitoras em actualizar os seus conhecimentos. Por força dos novos tempos, as regras caíam em desuso com enorme rapidez e o que tinha sido moda ontem já podia não o ser hoje!

Muitíssimas menos vezes no Consultório eram pedidas sugestões de leitura. Aliás, num dos números (Maio 1906) uma senhora escreveu a “Luíza” nestes termos: “Diga às suas consulentes que leiam, ensinem os filhos a ler e deixem os trapos!”. Mas isso, em abono da verdade, ela sempre fez. A uma senhora aconselhava: “O melhor presente para dar a uma amiga é um bom livro. Não há para todos os tempos companhia mais interessante”. Porém, nem sempre as respostas às solicitações eram dadas na revista, sendo que a Livraria Ferreira e Oliveira, que editava os *Serões*, enviava directamente para os leitores os livros indicados, num tipo de transacção muito comum na época. As leituras aconselhadas de que pude aperceber-me eram fundamentalmente de autores franceses e ingleses traduzidos; os tais “romances modernos sensaborões e inúteis” de que falava Virgínia de Castro e Almeida¹⁴? Sabemos que ao longo do séc XIX e até pelo menos à Primeira Guerra a leitura feminina era alvo de um cerrado controlo, sendo que o romance concentrava em si o grau máximo de perigo. “Luiza”, aconselhando uma leitora afirmava: “Leia V.Exª bons livros. Dos maus vem a desgraça da maior parte das famílias” (Junho 1906). Margarida de Sequeira, que foi colaboradora da revista, subscreveu no segundo número do suplemento, a propósito do lançamento em Lisboa de um livro de contos, a rubrica *O que se deve ler*, aconselhando também à leitura “mães, filhas e avós”. Contudo, tendo em conta os pesados níveis de analfabetismo feminino no nosso país, mesmo nos meios burgueses, haveria mulheres que folheando deleitadas a revista não seriam capazes de ler os seus conteúdos. Algumas ao escreverem a “Luiza” pediam com alguma vergonha desculpa pela caligrafia...¹⁵

¹⁴ ALMEIDA, Virgínia de Castro e, 1913 - *A mulher: História da Mulher*. Lisboa: Liv. Clássica p.18

¹⁵ Só em 1906 abriu em Portugal o primeiro liceu feminino. Em 1908 as estatísticas registaram que as raparigas representavam 9,5% da população global dos liceus.

Sabemos que na época muitas mulheres da burguesia, apesar do privilégio de viverem com desafogo económico e de terem tido acesso à educação, estavam em geral mal preparadas para a vida e para o casamento. Essa “deficientíssima educação” que era ministrada em tantas famílias foi objecto das mais variadas críticas a que “Luíza” também não foi indiferente. “Saber fazer, para saber mandar” era um preceito de ouro várias vezes evocado, sobretudo na intenção das mais jovens. Em 1907 (Nov) o suplemento ia mais longe apresentando um rol de saberes considerado indispensável na educação de uma rapariga: Cozer, cozinhar, remendar, ser amável, empregar bem o tempo, vestir-se propriamente, evitar a preguiça, respeitar a velhice, governar a casa, tomar conta de uma criança, fazer exercícios físicos” Tendo em conta a situação real que enfrentavam muitas das jovens leitoras, a quem o casamento afastava para a província ou, pior ainda, para a lonjura das colónias, era necessário tomar medidas. A esse propósito, “Luíza” comentava:” E se sai hoje de Lisboa, que as contingências da vida atiram as principais meninas para a África, cumprindo, como lhes compete e honra lhes seja, o seu dever de esposas de militares ou de funcionários públicos, nada há de mais útil do que ensiná-las a saber tudo”.

Porém, se muitas mulheres não escaparam às dúvidas suscitadas pelos afazeres domésticos, outras soçobravam nas suas relações com o sexo oposto. Talvez em parte por isso, as questões sentimentais iam tomar, progressivamente, um espaço importante no consultório de “Luiza”, sendo esta característica o que faz efectivamente a diferença com os “consultórios anteriores” onde, como referi, se tratavam fundamentalmente questões de moda, decoração e etiqueta. Este processo de escrever a alguém desconhecido, escondendo-se por detrás de um pseudónimo, e confiar-lhe os segredos do coração, ou outros ainda mais íntimos, era, sem dúvida, uma forma nova de as mulheres (algumas mulheres) gerirem os seus problemas pessoais fora do círculo familiar, ou do confessor.

Muitas das consulentes eram raparigas solteiras, vítimas de amores contrariados ou não correspondidos, que procuravam lenitivo para as suas mágoas. A uma, “Luiza” confortava com estas palavras: “Na idade de V.Ex^a ainda não há desilusões! São chuvas de Verão essas lágrimas! Dê graças a Deus por ter sabido a tempo...” (Março 1908). A Maria do Sacré Coeur de vinte anos, escrevia: “Embora lhe pareça que não há-de esquecer! Há-de achar de um ridículo atroz... e há-de afastar-se de tudo o que, mesmo de longe, lhe possa recordar tal *amargura!*” (Nov.1906). Contudo, outras eram esposas abandonadas, trocadas por outras mulheres, ou até mesmo esposas maltratadas que se escondiam por detrás de pseudónimos e anagramas – “Toutinegra”, “Violeta”, “Aizam”. A algumas notava-se a preocupação que tinham com o destino final das cartas enviadas. “Luiza” tranquilizava-as: “Esteja V.Ex^a certa que ninguém viu a sua carta e foi queimada logo”, ou “na livraria ninguém toca na correspondência de “Luíza” nem vê os subscritos” (Abril 1906). A suspeita quanto ao comportamento dos maridos é muito clara e o ciúme tornou-se um sentimento que se confessava com frequência. Sobre isso “Luíza” afirmava: “São inúmeras as cartas que sobre este assunto [ciúme] recebo. Uma mulher sempre cheia de lágrimas, só por desconfianças vagas e ciúmes imaginários... Mude V. Ex.^a de táctica. Não investigue, não aprofunde e

não peça à vida mais do que ela lhe pode dar” (Fev.1908). Estas palavras conformistas fazem lembrar as de uma outra mulher - Maria Amália Vaz de Carvalho - que, quatro anos antes escrevera, ainda que por outros motivos: “Nós não nascemos para ser felizes, nascemos para preencher, no curto espaço e no curto período de uma vida, alguns deveres essenciais”¹⁶. Essa visão, muito próxima daquilo que era aceite e recomendado, levou “Luiza” a aconselhar uma outra mulher nestes termos: “Finja V. Ex^a que não sabe nada... Quantas e quantas vezes o intuito desses ditos é separar os maridos das esposas...”(Set.1906). Para evitar esses perigos aconselhava ainda a outra: “Finja V.Ex^a que não recebeu semelhante carta. São coisas impossíveis de averiguar e a sua dignidade sofre menos com tudo isso” (Março 1908). A uma “Maria” escreveu: “Veja V.Ex^a só o que deve ver. Quanto ao mais é fechar os olhos. Poupa a sua saúde e os seus brios! Tanto que o bom filho à casa torna!” (Janeiro 1908), tudo isto por que, como afirmava: “De todas as desgraças que podem suceder a uma mulher casada, a maior, é ver-se separada do marido!” (Jan1907). Cativá-los podia ser a melhor das soluções: “Torne V.Ex^a a sua casa o mais confortável que lhe for possível e verá se consegue ou não o seu desejo. As redes têm de se tapar de flores!” (Junho1907). Por vezes, os cenários descritos pareciam muito complexos. As senhoras ameaçavam dar passos fora do ninho e “Luíza” procurava chamá-las à razão: “É de um melindre excepcional o que V.Ex^a me diz. Não se iluda V.Ex^a nem creia na verdade do que sente. Tudo isso é uma ilusão. Leia V. Ex^a bons livros (...) E trabalhe o mais que puder (...) E sobretudo cumpra o seu dever, custe o que custar” (Junho 1906). A outra, que fugira para casar e depois se arrependera, “Luiza” repreendia: “o seu exemplo devia ser apontado às meninas e senhoras que levemente pensam achar na fuga solução digna seja para o que for.

Naturalmente que, abarcando a publicação desta revista anos frutuosos para o feminismo, é interessante auscultar as perspectivas que “Luiza” e depois “Maria” tinham sobre o tema. Perante o que ficou dito atrás, não surpreende que estivessem desfasadas da dimensão que já tomavam internacionalmente as questões feministas e das correntes que se iam solidificando em Portugal. “Luiza” observava, a propósito, a dada altura: “O feminismo é uma palavra que para mim não faz sentido. Entristece-me sempre que ouço falar na emancipação da mulher. Eu gosto da liberdade inteligente, modesta e recatada. Mulher nenhuma que sai da sua esfera de charme é feliz” (Maio 1906). Dois anos depois, reiterava: “O feminismo repugna, e com razão, à maioria das mulheres, para as quais o aconchego do lar e as ocupações caseiras são, como muito bem deve ser, o primeiro e mais querido cuidado” (Set.1908).

Esta postura, como as outras, insere-se na perspectiva de os *Serões* que só em 1910 abordaria estes temas. Note-se que os textos publicados nos números 5 e 21, da autoria de Ana de Castro Osório, foram de cunho estritamente literário e nenhum outro surgiu, ao tempo da existência do suplemento, que abordasse as questões do feminismo.

Em *Os Serões das Senhoras* percebe-se que o que está em causa em termos de trabalho feminino, que foi tema de muitos artigos em revistas de outro tipo, - veja-se, por exemplo, a contemporânea *Alma Feminina* -, era apenas e só o da dona de casa. Para essas tarefas se orientaram todos os conselhos, todas as

CARVALHO, Maria Amália Vaz de, 1904 - *As nossas filhas. Cartas às mães*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, p.72.

sugestões, todos os exemplos. Pontualmente “Luíza” escreveu: “Acho de toda a conveniência que [a mulher] tenha um modo de vida. Mas tenha sempre em vista uma coisa. A mulher nunca pode competir em nada com o homem. Pode trabalhar mais ou menos, ter talento, energia, enfim. Mas é delicada e fraca e só tem duas armas para vencer – o espírito e a bondade” (Fev.1908) ou ainda: “O excesso de sabedoria e de estudo raras vezes se compadece com a delicadeza ingênita da mulher. A prova é que senhora nenhuma desejaria para as suas filhas mais do que o modesto e doce lugar de mãe de família” (Maio 1906). Desta forma não admira que a única actividade elogiada, para além da doméstica, seja a do ensino ^{17/18}.

Porém, das tarefas do lar, o serviço doméstico dependia nas casas da burguesia, em muito do trabalho das criadas. Esse trabalho foi no mundo urbano e até à primeira guerra, o principal sector de emprego das mulheres e, para as donas de casa elas foram permanente fonte de preocupações. Seria por isso natural que o suplemento se lhes referisse. Contudo, apenas lhe foram dedicados dois pequenos artigos, um sobre a necessidade de lhes dar o conveniente sustento, numa visão contemporânea do que era a miserável situação de muita desta mão-de-obra (“dar-lhes a pior comida, a menor porção de alimento possível e a maior porção de trabalho é vulgaríssimo hoje”), e outro sobre o relacionamento entre patroas e criadas, onde devia imperar a devida distância para que o respeito pudesse ser mantido¹⁹. Também as mulheres que viviam de trabalhos de agulha, igualmente imprescindíveis no quotidiano burguês, viriam a suscitar uma referência indirecta no suplemento. “Luíza” escreveu sobre uma delas: “Essa mulher deve ter lutado muito, que eu via-a trabalhar desde as seis horas da manhã até à noite (...) e amontoava-se de roda dela o trabalho fatigante, esmagador, brutal, um trabalho de costura branca de entontecer” (.....). Dois anos depois, “Maria” comentou a propósito da voga do *crochet*: “é bonito, de um gosto muito distinto tendo a vantagem de vir animar uma indústria que estava quase extinta à força de ser mal remunerada. Em Lisboa faziam guarnições para toalhas de dez e quinze centímetros de altura por 190 e 200 réis! Primeiro que uma pobre criatura ganhasse pelo *crochet* tinha tempo para morrer de fome” (Jul1908). São dois apontamentos em dois anos e meio! Seguramente porque as problemáticas sociais não deviam habitar um suplemento de frivolidades.

Como referi acima, *Os Serões das Senhoras* dedicaram algum do seu espaço às notícias da actualidade, sendo essa rubrica extremamente selectiva quanto aos temas escolhidos. O automobilismo, *sport* em voga para as senhoras, suscitou em Outubro de 1905 uma extensa reportagem ilustrada por nove

¹⁷ A uma senhora da Madeira que pedia a “Luíza” informações para vender em Lisboa produtos da ilha, respondeu cautelosa: “...V.Ex^a pode experimentar, mas com o meu conselho, não. No tempo em que estamos é muito difícil a uma senhora desenvolver-se em negócios. Com os homens sabe Deus o que eu oiço dizer que vai!” (...)

¹⁸ A revista *Serões* já apontava noutras direcções, nomeadamente com uma abertura à sua intervenção social, tal como pode ver-se no artigo sobre o Congresso de Instrução Primária, inserido no nº 37 de 1908.

¹⁹ Quanto às questões de moda, elas não foram de todo indiferentes às criadas e amas de meninos. Afinal, umas e outras tinham visibilidade social na hora de receber visitas, atender à porta, passear as crianças e, por isso, na *Folha de Moldes* foram apresentados vários modelos de aventais para “manhã” e “tarde”.

fotografias com conselhos práticos de condução. Também mereceu acolhimento no número seguinte um *tea-party* em Cascais onde comparecera “a nossa melhor sociedade”, verdadeira “*parade de toilettes*” que o suplemento oferecia às leitoras em belas fotografias. Os grandes costureiros de Paris vieram a ser objecto de um longo artigo profusamente ilustrado, não assinado, que se desdobrou por dois números, onde se analisava a importância económica dessas grandes casas, as suas estratégias comerciais, a dimensão dos seus negócios, passando em revista as questões da criação, do trabalho dos ateliers, do sector comercial e até do papel das “recém-chegadas” manequins (...). Maria Augusta Bordallo Pinheiro mereceu as honras de dois artigos. Primeiro, em 1905, numa reportagem sobre uma exposição das suas rendas de bilros, depois em Junho de 1907 numa visita ao seu atelier²⁰.

Em Dezembro de 1908, em nota aos assinantes, a empresa de *Serões* agradecia o carinhoso acolhimento do público, tanto em Portugal como no Brasil, prometendo introduzir logo em Janeiro importantes modificações “a fim de que a revista corresponda em todos os pontos à sua missão”. Esmero na parte literária através da colaboração “dos melhores autores nacionais e estrangeiros”, incluindo os novos escritores; introdução de uma resenha bibliográfica dos livros mais significativos publicados em Portugal, Brasil, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha e América do Norte. Prometia também manter-se “defensora estrénuo” dos interesses comerciais e industriais do país, etc. Informava, contudo, que “tendo provado a experiência que a folha solta dos moldes e das modas se extravía frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os *Serões* publicarão no texto uma página artística sobre quaisquer novidades que interessem às senhoras com um artigo explicativo (...) feito por uma das nossas colaboradoras...” Prometia também inserir “uma galeria tão completa quanto possível” de senhoras portuguesas e brasileiras que “pela sua elegância, benemerência, caridade, dotes de espírito, posição e virtudes” fossem notáveis.

Terminava assim o suplemento feminino. Só algum tempo depois os *Serões* irão integrar uma *Crónica de Moda* que nas suas três páginas era uma pálida imagem de os *Serões das Senhoras*. Mas, em 1911, a revista quase à beira do fim, iria alterar mais uma vez a sua estratégia e dar à crónica da moda mais uma página, alterando a designação de novo para *Serões das Senhoras* e proporcionando-lhe um conteúdo mais completo, incluindo curiosidades do mundo feminino, receitas de culinária e conselhos úteis para a dona de casa. Ainda que em formato reduzido, procurava-se manter o *chic* e o *fashionable*, que tinham sido a imagem de marca do antigo suplemento, seguramente para gáudio das leitoras mas, sobretudo, para atrair novos assinantes que viabilizassem a revista numa altura de particulares dificuldades.

²⁰ Maria Augusta Bordallo Pinheiro, irmã de Columbano, sendo pintora de grande mérito, deixou o seu nome ligado à renovação do fabrico de rendas de bilros de Peniche. Recebeu pelos seus trabalhos variadíssimos prémios entre eles a medalha de ouro na Exposição Universal de Paris em 1889 e na Exposição Internacional de Antuérpia. Em 1904 obteve o Grand Prix na Exposição Internacional de S. Luís, nos EUA.

Conclusões

Volto aqui à questão colocada na Introdução: a importância da utilização de fontes “menores” na escrita da História das Mulheres – neste caso um suplemento de moda e saberes de agulha.

A análise recaiu não tanto no que as imagens e os seus textos podem significar para a história da moda e da confecção, ou mesmo da evolução dos conceitos de elegância e beleza, mas, sobretudo, nos reflexos do modo de viver burguês, nos gostos, nas escolhas, nos saberes, nas preocupações, nas dúvidas e também nas práticas de sociabilidade das mulheres (de algumas mulheres), leitoras incondicionais de *Os Serões das Senhoras*.

Desde logo, por detrás das belíssimas toilettes apresentadas para o teatro, as *soirées*, os bailes, o *sport* havia, inegavelmente, a referência a uma cultura de ócio, ciosamente desfrutada pela burguesia que vinha acompanhada de prestígio social e de prosperidade económica.

Na mesma perspectiva, sugestões de vestidos e de acessórios, menus e apontamentos de decoração remetiam para a sociabilidade doméstica – os *five o'clock*, os jantares, os dias de receber – que tantas questões de etiqueta suscitaram no *Consultório*. O protagonismo era dado naturalmente, em qualquer dos casos, ao papel da mulher/esposa/dona de casa. Mas o que é verdadeiramente significativo é que, sob esses “pretextos” e com essa importante figuração feminina, na vida real se consolidavam ou se estabeleciam laços sociais que marcavam as solidariedades de grupo.

A valorização cultural das mulheres que constituiu um contributo importante das revistas femininas, não foi neste suplemento um objectivo em si. Também ali não encontramos artigos sobre problemáticas femininas, exactamente pelas mesmas razões. Contudo essas questões não estiveram completamente ausentes porque as vemos em referências pontuais no *Consultório*. Assim acontece com o feminismo, o trabalho das mulheres no lar ou as suas condições remuneratórias. Os temas eram demasiado significantes para serem passados em silêncio, ainda que fosse apenas para repisar ideias feitas.

Também não se discute o papel da mulher no lar e os valores da domesticidade. O que se faz é confirmar o estereótipo. Demonstra-se, isso sim, a importância dos “ideais educativos” para as raparigas, onde se inseriam os saberes domésticos e de agulha. A dimensão do espaço ocupado no suplemento por essas rubricas caracteriza de forma indiscutível o lugar que assumiam essas competências na educação feminina formal e doméstica.

Por outro lado, as páginas aparentemente inócuas do *Consultório* são um repositório importante porque nos remetem para as preocupações quotidianas das mulheres das classes médias quanto à sua casa e aos seus afazeres, mas também nos direccionam para as suas inseguranças e as suas inquietudes ao nível dos afectos e das relações conjugais. Decididamente, por aqui se vê que algumas mulheres procuravam gerir essas matérias fora da família e do confessionário. Contudo, se as perguntas colocadas quebravam o estereótipo de comportamento, as respostas ao longo desses dois anos e meio mantiveram um registo de conservadorismo, de valores tradicionais, de virtudes domésticas, num plano “pedagógico” de transmissão de modelos de conduta que permaneciam ligados ainda aos ideais oitocentistas.

Para finalizar, pode dizer-se que a exploração da “fonte” não se esgota naturalmente aqui. O que se procurou fazer foi apenas um exercício de abordagem que pretende ser um comprovativo da validade destes materiais

para a escrita da História das Mulheres e do Género. O estudo destas fontes, que deve constituir um objectivo do investigador, pode tornar-se igualmente numa excelente motivação para sessões lectivas centradas na sua análise e exploração.

Porto 2 de Fevereiro de 2009



Bibliografia

- ALVIM, Maria Helena das Vilas-Boas e, 2005 – *Do Tempo e da Moda*. Lisboa: Livros Horizonte
- CARDIM, Valter Carlos, 1999 – “A moda em Portugal no limiar do séc XX”, *Faces de Eva. Estudos sobre a mulher*, 1-2, p.87-120
- LEAL, Maria Ivone, 1992 – *Um século de periódicos femininos*. Lisboa: Cadernos da Comissão Feminina
- PERROT, Michelle, 1998 – *Les femmes ou les silences de l'Histoire*. Paris: Champs-Flammarion
- PIRES, Daniel, 1996 - *Dicionário da Imprensa Periódica Portuguesa do século XX*. Lisboa: Grifo
- VAQUINHAS, Irene, 2004 – *Entre Garçonnes e Fadas do Lar*. Coimbra: FLUC
- VAQUINHAS, Irene, 2005 – *Nem Gatas Borracheiras, Nem Bonecas de Luxo*. Lisboa: Livros Horizonte